

Família, trabalho e religião: a construção do imaginário como inspiração para a realização profissional sob a influência da mulher-mãe

Family, work and religion: the construction of the imaginary as an inspiration for professional achievement under the influence of the mother woman

José Reinaldo de Araújo Quinteiro*

Resumo: Este artigo expõe a família, o trabalho e a religião como representações sociais que influenciam a formação do imaginário dos estudantes matriculados no Colégio da Polícia Militar de Rio Verde/GO. Estas representações foram analisadas indutivamente e levantadas mediante uma pesquisa de campo com 14 participantes, em um contingente 143 estudantes, sendo a família apontada como a principal representação. A construção da pesquisa se deu através da aplicação de um questionário sobre as representações sociais e da interpretação de desenhos elaborados pelos pesquisados, tendo como base algumas vertentes teóricas do pensamento de Giddens (1993), Durkheim (1989), Weber (2004ab), Scott (1996), Nolasco (1995), Bourdieu e Passeron (1982). No decorrer desta discussão, fica evidente a questão do empoderamento da mulher associado ao papel do homem nas relações familiares. Em conclusão, verificou-se que a mulher-mãe influencia a formação do imaginário do filho(a) em 42% para o exercício da medicina.

Palavras-chave: Imaginário. Mulher. Machismo.

Abstract: This article shows family, work and religion as social representations that influence the formation of the imaginary in students enrolled in the Military Police School, in Rio Verde / GO. These representations were analyzed inductively and raised through a field research, with 14 participants, in a contingent of 143 students, being the family appointed as the main representation. The construction of the research was done through the application of a questionnaire about the social representations and the interpretation of drawings elaborated by the researched ones, based on some theoretical aspects of the Giddens, (1993), Durkheim (1989), Weber (2004ab), Scott (1996), Nolasco (1995), Bourdieu and Passeron (1982). During the course of this discussion, the question of women's empowerment associated with the role of men in family relationships became evident. In

*Doutor e mestre em Ciências da Religião, graduado em Filosofia e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás(PUC/GO). Professor titular da Universidade Rio Verde e professor pesquisador no grupo Educação Social: Ensino, Pesquisa e Extensão/UNIRV. Professor da educação básica na rede pública do estado de Goiás, CEPMG – Unidade Carlos Cunha Filho. E-mail: josereinaldoquinteiro@yahoo.com.br.



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

conclusion, it was verified that the Mother Woman influences the formation of her child's imaginary in 42% in order for them to practice medicine.

Key words: Imaginary. Woman. Chauvinism.

Recebido em: 15/04/2019. Aceito em: 23/07/2019

Introdução

Este artigo analisa os desenhos e as opiniões de alunos, em faixa etária 12 a 13 anos, do Colégio Estadual da Polícia Militar de Rio Verde/GO. Esses estudantes se tornaram sujeitos desta pesquisa, por meio da qual foram selecionados 14, de um contingente de 143 matriculados nos 7º anos A, B, C e D.

Por se tratar de uma pesquisa de campo, com aportes bibliográficos, esses estudantes se submeteram a um questionário em que lhes foi perguntado: "Dentre as representações sociais¹, como a família, o trabalho e a religião, quais exercem influências sobre a sua pessoa?". A partir desse questionamento, foi pedido aos estudantes que elaborassem sua resposta, relacionando-a à própria pretensão profissional. Também foi proposto que os estudantes representassem essa resposta em forma de desenhos; 73% dos entrevistados descreveram que a maior influência em sua vida vem da família. Nela, a presença da mulher foi recorrente, mesmo considerando o trabalho e a religião, de denominação católica, como representações influentes.

Em posse dessas informações, os desenhos e as respostas referentes aos questionários - expostos no desenvolvimento desta pesquisa, de forma ordenada intencionalmente, para significar a presença da mulher-mãe² na vida dos estudantes - foram submetidos a análises indutivas; num universo de 143 estudantes, 14 participaram desta pesquisa.

Com isso, o eixo norteador reflexivo se fará em torno da presença da mulher na vida desses estudantes, pois será observado que ela se constituirá a figura central, na expressão

dos pesquisados. Por serem menores, os participantes desta pesquisa serão nominados por siglas, idades e suas respectivas turmas, ao lado dos seus comentários e desenhos, selecionados mediante sorteios entre as 04 (quatro) turmas que compõem as 7ª séries dos Anos Finais do Ensino Fundamental do Colégio Estadual da Polícia Militar de Rio Verde.

Para fundamentar teoricamente as discussões em torno da presença da mulher na formação do imaginário³ dos estudantes, esta pesquisa apoiar-se-á em vários pensadores. O primeiro será Giddens (1993), cujo pensamento apresenta a contemporaneidade e seus novos desafios ao indivíduo em sociedade. Nesse espaço, a presença da mulher e seus novos papéis são responsáveis pela formação social dos indivíduos.

Sob a linha de reflexão de que a religião é estruturante, e por meio da qual a mulher se faz presente, a pesquisa também se apoiará em Durkheim (1989). Esse sociólogo defende a ideia de que a religião é responsável pela estruturação da sociedade.

Na contemporaneidade, a presença da mulher é aparada pelas regras validadas pelo Estado. Sem se perder em suas qualidades femininas, ela se apoia no próprio carisma para se fazer presente. Nesta análise, utilizar-se-á do pensamento de Weber (2004b) para sustentar que a mulher, pertencente a uma família, encontra-se atuante nos espaços burocráticos.

¹ "O termo *representação social*, ou *representação coletiva* foi proposto, como é sabido, por Durkheim, que desejava enfatizar a especificidade e a primazia do pensamento social em relação ao pensamento individual." (HERZLICH, 2005, p. 58).

² Este neologismo diz respeito às mães que cuidam.

³ O conceito de imaginário, basilar ao corpo deste artigo, para reinterpretar e considerar a produção dos desenhos, as respostas dadas ao questionário pelo sujeitos da pesquisa, traz a seguinte conotação: "A potencialidade criadora da psique se apropria do objeto distinto e distante da imagem. Esta imagem está sempre carregada de sentido. Ela é, pois, uma imagem significativa. O sentido da imagem não é extraída do objeto de um modo natural, mas sim ela é sempre uma produção hermenêutica. A possibilidade da criação dos significados para a imagem não dimana do objeto, mas é produzido pelo imaginário do sujeito e da sociedade. O poder que o imaginário possui para instituir significativamente as coisas e o mundo está presente desde as primeiras etapas ontogenéticas e filogenéticas do ser humano" (RUIZ, 2004, p. 68).

Outro ponto de vista a ser explorado é que, rompendo as tendências de domínio masculino, a mulher é instigada a construir e a reconstruir a sua trajetória dentro da própria família. Nessa via, ela vai ao encontro da cultura machista, de forma sutil, levando ao questionamento dessa cultura excludente. Segundo Scott (1996), tradicionalmente, a mulher está submissa ao homem, sob o ponto de vista das manifestações ideológicas, políticas e religiosas; nesta pesquisa, apresentaremos a mulher com o poder decisório na vida familiar, colocando em xeque a masculinidade construída historicamente. Isso incide na formação do indivíduo em seu imaginário e, de forma decisiva, a mulher-mãe rompe a barreira do machismo ao permanecer ocupando espaços na sociedade que outrora eram dominados pelo homem.

Vê-se que a transformação da intimidade da mulher-mãe impõe o rompimento dos valores da tradição (NOLASCO, 1995). Este também é o momento em que a masculinidade entra em crise, porque a mulher faz com que o homem comece a experimentar os fracassos sociais. É o mito da masculinidade se fragilizando. O indivíduo, ao observar que a mãe ocupa espaço na sociedade, outrora dominado pelo homem, forma uma nova visão para a própria vida.

As discussões que se seguem, a partir dos desenhos e das opiniões dos indivíduos, demonstram que o sistema social reproduz as práticas da cultura dominante e, gradativamente, exerce influência nas mentes a serem educadas, sejam nos espaços escolares ou não escolares, mantendo uma relação de força dominante no seio da sociedade, como diriam Bourdieu e Passeron (1982).

Nessa perspectiva, a família será vista e discutida a partir deste ciclo, o da reprodução, e será possível observar como a mulher-mãe vai rompendo o ciclo da dominação masculina, superando a violência simbólica, pautada no machismo e no patriarcalismo. Outrossim, registra-se que, vivenciando essa superação simbólica, os(as) filhos(as) vão formando uma visão de que a mulher também tem o seu espaço além do seio familiar.

Pela observação das análises realizadas, na conclusão, apresentar-se-á o caminho percorrido que justificará as razões pelas quais a família e, nesta, a mulher-mãe, se torna objeto de discussão.

Demonstrar-se-ão os resultados da coleta de dados e os indicativos sobre a importância de cultivar o imaginário dos estudantes, valorizando a presença da mulher fora e dentro do convívio familiar, contribuindo para que o filho construa uma imagem da futura profissão em que deseja atuar.

Interfaces da construção do imaginário na presença da mulher

Com o advento da contemporaneidade, influências acometem a vida do indivíduo. Elas se dão mediante às questões políticas, jurídicas, profissional-econômicas, culturais e religiosas, levando este indivíduo a se ressignificar em seus desafios cotidianos, seja nos espaços escolares ou não escolares e, conseqüentemente, formando sua intimidade, recebendo novos estímulos (GIDDENS, 1993).

No âmbito familiar, com uma forte influência na formação de sua identidade, o indivíduo também vive uma nova realidade. A mulher tende a desempenhar as suas funções sociais e profissionais semelhantes àquelas as quais o homem desempenha e, como consequência, a mulher tende a deixar os afazeres domésticos, o que acaba influenciando a formação do imaginário dos seus filhos(as).

Essa percepção se encontra no relato da I.T.D.V., 13 anos, 7ºB. Com base no desenho, pode-se interpretar que a imagem retrata uma família cuja mulher ocupa um espaço de liderança.



Autor: I.T.D.V., 13 anos, 7º B.

Com essa nova posição, vemos o que se pode denominar de 'crise da identidade

masculina' no seio familiar, porque a mulher toma iniciativas em prol da família, característica bastante ressaltada nos 14 desenhos, que podem ser interpretados neste sentido, uma vez que a mulher é quem norteará toda a visão de mundo dos estudantes, seja no espaço escolar ou não escolar. E, nesse contexto, o indivíduo em formação, o(a) estudante, no término da sua pré-adolescência e início da adolescência, sente-se provocado(a) em sua visão de mundo.

O porquê da resistência do imaginário machista familiar e a sua própria ruptura

A visão machista e nociva à dignidade do indivíduo - já questionada pela percepção da I.T.D.V., 13 anos, 7º B - encontrou respaldo no fundamento do pensamento filosófico ocidental, que alimentou, por séculos, a ideia de que a mulher deveria ficar em casa, cuidando da educação dos(as) filhos (as), das coisas do lar, enquanto o homem deveria exercer as funções públicas. Somado a isso, existia a ideia de que o homem, porque possuía força física, deveria ser considerado superior à mulher. Assim, o

[...] homem, segundo a natureza, é aquele que é bem constituído de alma e de corpo. Se nas coisas viciosas e depravadas o corpo não raro parece comandar a alma, é certamente por erro e contra a natureza [...] Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção (ARISTÓTELES, 1998, p.13).

Assim, essa visão aristotélica contribuiu para que se criasse no imaginário das famílias a ideia de que o homem é superior à mulher.

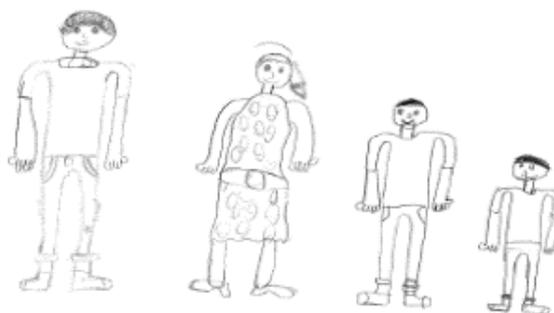
As pesquisas de Durkheim (1989) reforçam esse machismo, quando este analisa as tribos australianas e registra que os sentimentos femininos estão em uma escala de valores muito baixa, porque, por ser macho, o homem, deveria alimentar, cuidar, proteger e manter a estrutura familiar. Para Durkheim:

[...] As representações coletivas atribuem muitas vezes às coisas às quais se referem propriedades que aí não existem sob nenhuma forma e em nenhum grau. Do objeto vulgar, podem fazer um ser sagrado muito forte. Entretanto, ainda que puramente ideais, os poderes que lhe são conferidos, agem como

se fossem ideais; determinam a conduta do homem com a mesma necessidade que as forças físicas (DURKHEIM 1989, p. 284).

A consequência disso foi que a submissão da mulher era tida como natural, alimentando o imaginário coletivo das sociedades ocidentais de que a mulher é de uma natureza inferior, o que, de fato, vai de encontro e entra em choque com a tendência dos vários papéis que a mulher poderá exercer na sociedade contemporânea, contrariando, assim, a visão clássica filosófica aristotélica e a visão sociológica de Durkheim, pois, para este último, as tribos australianas, em sua forma de organização, também baseavam suas relações no entendimento de que homens seriam superiores às mulheres.

Para M.C.R., 12 anos, 7º B, por exemplo, esse recente papel exercido pela mulher, confirma-se. Registra-se, por meio do desenho, que o sentimento feminino influencia sua visão de mundo, porque os momentos marcantes da sua vida são quando a sua família encontra-se em união, principalmente “quando percebe a sua mãe ajudando a quem mais precisa”, pois, assim, ele sente “que está com todos”. O estudante ressalta ainda que essa ação da mãe lhe atribui o esteio dessa união, e que, para ele, é ela que o inspira e alimenta seu “sonho de ser médico”.



Autor: M.C.R., 12 anos, 7º B

Desse modo, o indivíduo que tem a família como referência, a presença incisiva da mãe receberá valores para a formação da própria identidade, intimidade e subjetividade.

Neste contexto, tendo como referência a família, a mulher começa a ter um papel significativo, pois rompe com uma cultura machista ao influenciar o filho(a) a escolher a profissão de médico.

Vivências na diversidade dos papéis de gênero: ressignificando as relações sociais de poder

Mediante o fato de a mulher ocupar, com mais intensidade, o espaço do poder das esferas da sociedade, faz-se necessário definir o que é o poder, como o é concebido e caracterizado, a partir dos espaços em que o homem não é mais o único provedor familiar.

O poder não pode ser compreendido de forma abstrata, pois se constrói, singularmente, nas relações sociais, como sustentáculo da vida em sociedade, quer seja em contextos jurídicos, políticos, econômicos, quer seja em contextos simbólicos ou sociais (NUNES, 2000, p. 131).

A partir desses contextos, os indivíduos vão se potencializando para cumprirem as determinações que lhes impõem os grupos sociais. Obviamente, respaldando-se na dimensão de que a lei não pode ser transgredida, a fim de que as práticas humanas atinjam os seus fins, ou seja, o poder não se caracteriza pela sobreposição de um determinado grupo coercitivamente ou coagindo outro indivíduos, mas fazendo-se cumprir o que é bom para o funcionamento das esferas sociais. Assim, observamos o papel da mulher em igual situação a do homem: há mulheres atuando nos poderes executivo, judiciário e legislativo; há mulheres de patentes nas carreiras militares, gerentes de pequenas e grandes lojas de magazines, presidentes dos moradores de bairros e em outras diversas profissões primárias e do terceiro setor, de forma que esta identidade, ser mulher presente, não se firma isoladamente.

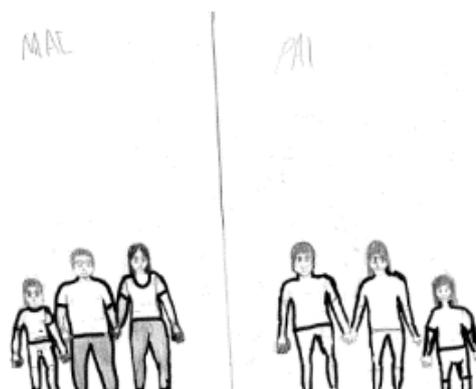
Retomando a análise das ilustrações, o sonho de D.L.U.R., 12 anos, 7º A é um dia realizar viagens com a sua família, seus irmãos, seu pai e sua mãe. Mas a mãe, sendo o centro das decisões, é quem, além do afeto expresso no desenho da roupa, vai ser responsável pela união de todos (as). A mulher-mãe passa então a significar, para a estudante, uma dominação racional, exercendo o mesmo papel do pai, despertando-lhe valores tradicionais e carismáticos.



Autor: D.L.U.R., 12 anos, 7º A

Evidentemente, o papel do feminino sobre o masculino se firma dentro das categorias da dominação racionalizada, sob três aspectos (WEBER, 2004b, p. 141).

A primeira categoria, baseada na crença, possui um caráter estritamente racional. A mulher, ocupando o espaço na sociedade, encontra-se cada vez mais entre as instâncias de poder, encaixando-se nessa categoria racional. G.P.S., 13 anos, 7º C, destaca a presença da mãe e defende que “mesmo trabalhando, temos que ter tempo para a família”. É a crença de que o trabalho fora da família deve ser exercido também pela mulher e isso caracteriza o início de uma dominação legal. No desenho, na primeira imagem, estrategicamente, a mãe é posicionada à frente do grupo familiar.



Autor: G.P.S., 13 anos, 7º C.

Essa ‘dominação legal’ é o que garante os direitos criados ou modificados mediante as sanções das leis. O caso típico dessa categoria é a sanção da Lei Maria da Penha que tem, na sua gênese, uma agressão sofrida por uma

mulher, a Maria da Penha, em sua integridade de ser humano, dentro da própria família. Registra-se que a mesma lutou pela punição do seu agressor, o então esposo, até chegar às instâncias internacionais, sensibilizando, assim, as autoridades legislativas brasileiras que aprovaram a Lei nº 11.340 (BRASIL, 2006), em defesa das mulheres vítimas de violência. Com esse dispositivo legal, para Rifiotis (2007, p. 231), em favor da mulher, “houve um avanço em torno das políticas de Direitos Humanos”.

Nas palavras de A.T.S.G., 12 anos, 7º D, uma família ideal é a família que permite a presença da mulher em situação de satisfação, de construção afetiva sadia, ou seja, não coagida pelo esposo e nem pelas obrigações de ser mãe. Dessa forma, a mulher representada no desenho, sua mãe, o inspira a ser uma pessoa de bom relacionamento com o outro, a ter uma profissão para ajudar o próximo; ser médico, como sua mãe, se constitui um dos seus grandes sonhos.

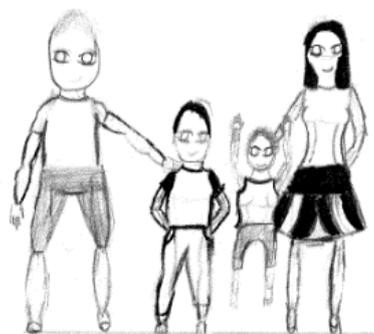
Portanto, a presença da mulher constitui o início de uma dominação legal, como preconizava Weber (2004a, p. 141), tendo em vista a formação do imaginário do estudante A.J.S.G., 12 anos, 7º D. Seu desenho traz a seguinte configuração: ele observando os pais que se gostam em meio a duas rosas, evidenciando vivências afetivas.



Autor: A.J.S.G., 12 anos, 7º D.

Na segunda categoria weberiana, alicerçada no caráter tradicional, movido aqui pela capacidade de projetar diversas ações e executá-las, o indivíduo vai se firmando em sua autoridade de tomar decisões que influenciam os demais. Obviamente, Weber (2004a, p. 141) defende que

essa capacidade de se projetar é concebida aos homens, mas aqui, por meio da expressão da coleta de dados, reserva-se também à mulher, negando assim toda uma dominação machista. A mulher passa a ter voz, e sua dignidade se constrói mediante a capacidade de influenciar os demais da família. Para J.P.P.B.S., 12 anos, 7º A, a mãe exerce estritamente a função de provedora do lar, postando-se ao lado do filho com o braço direito estendido, segurando-o com veemência ao ponto de deslocá-lo do chão.



Autor: J.P.P.B.S., 12 anos, 7º A.

Na perspectiva do caráter tradicional, conforme expôs Weber (2004a, p. 141), A.G.S.C., 13 anos, 7º A, opina que o título dado a esse desenho seria “Família” justamente porque ele, em família, sente-se apoiado para pensar em qualquer profissão. Entende-se, assim, que a mulher, sua mãe, está presente nessa situação, pois o que lhe dá mais satisfação é estar junto com a sua família, representada pela mãe com uma postura de ação ao lado do pai e dos irmãos.

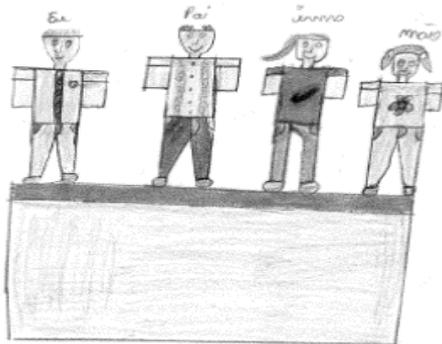
Isso denota que, para o A.G.S.C., 13 anos, 7º A, os valores adquiridos são aqueles vivenciados no seio familiar. Com isso, o ser feminino vai ganhando espaço no imaginário da sua formação ao influenciar a sua futura escolha profissional, seja qual for a área de atuação, mas se tiver que escolher, “escolheria ser médico” pois é convicto de que poderá “ajudar a sua família economicamente, e ao outro, em nível de qualidade de vida física”. A mulher-mãe é representada rompendo a influência machista sob os filhos (as).



Autor: A.G.S.C., 13 anos, 7º A

A terceira categoria demonstra o caráter carismático pois, em meio às situações conflitantes, a mulher é capaz de aglutinar forças e ser influente aos demais que a ela são subordinados. Cria-se em torno de si uma espécie de carisma, ou seja, a conjuntura em que atua a mulher é respeitada conforme as suas virtudes. Obviamente, em Weber (2001, p. 354), esse espaço se refere ao homem. Entretanto, por meio dessa reflexão, percebeu-se, na expressão das informações dadas pelos participantes da pesquisa, que a mulher influencia decisivamente os seus descendentes.

Para A.B.F.N., 12 anos, 7º A, um dos momentos mais importantes em família é quando se reúnem para se divertir e trabalhar. No desenho, é perceptível a presença da mulher, a própria mãe, porque é ela que estimula todos a trabalharem em equipe. Isso, na visão do estudante, faz que com a sua família se torne "linda" e os torna pessoas bonitas e unidas.



Autor: A.B.F.N., 12 anos, 7º A.

Observando o desenho do A.B.F.N., 12 anos, 7º A, a mãe se veste semelhantemente aos

demais membros da família, demonstrando que esta tende a fazer parte do controle da situação racional e burocrática sem perder o carisma, para diferenciar-se dos demais, sua mãe possui nas vestes um símbolo, representado por uma flor. Para o imaginário do A.B.F.N., 12 anos, 7º A, a sua mãe faz parte das decisões sócio-político-econômicas, culturais e religiosas que envolvem a rotina da sua familiar por livre e espontânea vontade.

Portanto, a questão do poder não é dada por nenhuma divindade ou outro ser semelhante à mulher ou pelo homem ou filhos(as). Vê-se que o poder é sutilmente exercido pela mulher nos espaços em que há convivência humana, derrubando o dogma de regras disciplinarmente impostas. Ressalta-se, então, que a mulher quer e faz parte dos afazeres sociais sem perder a sua condição de mulher, pois cria traços carismáticos da sua ação social.

O homem e seu papel na nova Identidade Familiar face ao empoderamento da mulher no âmbito do mundo do trabalho e a construção da subjetividade

Com o empoderamento da mulher, na contemporaneidade, a estrutura da masculinidade, culturalmente construída, encontra-se fragilizada. Nessa via, a mulher, ao desempenhar papéis sociais que outrora não eram aceitos pela família, constitui-se um elemento novo para a formação da identidade do homem, resultando no que se pode chamar de 'crise da masculinidade', a qual "tem suas origens nas transformações globais econômicas e geopolíticas [...], desde o início do século XX. Tais reestruturações promoveram uma reformulação nas definições tradicionais da masculinidade" (CECCHETTO *apud* ECCO, 2007, p. 54).

Para tanto, se a mulher está ocupando os espaços sociais, tendo o seu trabalho remunerado, ela começa a ganhar notoriedade no seio familiar. Dessa forma, seu papel de provedora do lar ganha destaque, porque esta começa a trazer o alimento para casa e ser referência para o filho(a), contribuindo para o bem-estar coletivo. Como consequência disso, a mulher empoderada influencia a formação da identidade dos seus descendentes.

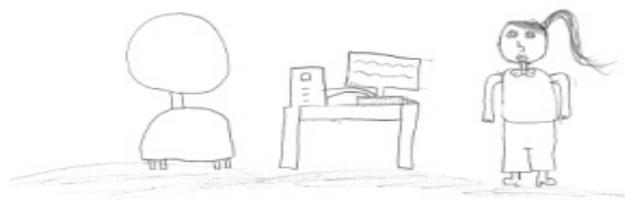
Essa situação é expressiva nas palavras da M.E.O.S., 12 anos, 7º D. Quando lhe foi perguntado sobre qual seria o momento mais marcante da sua história, a estudante respondeu que é o momento em que a família lhe oferece o que tem de melhor, mediante o trabalho e, acrescenta, isso só é possível porque na própria família há união. Nesse ínterim, ela enfatiza a presença decisiva da mãe no mesmo espaço em que o pai está representado.



Autor: M.E.O.S., 12 anos, turma 7º D

Entende-se, dessa forma, que a mulher está buscando espaço na sociedade, preservando os valores da convivência na família. No que tange à cultura da masculinidade, que determina que é preciso ser forte para ser respeitado, esta entra em crise justamente porque a mulher se torna também uma referência social para os filhos (as) e se torna detentora, como o homem, dos bens econômicos, mediante o exercício de uma profissão fora do lar.

Nessa direção, ao retratar a relação trabalho-família, A.C.R.S., 13 anos, 7º B, expressa a importância dessa função social da própria mãe em prol da sua família, ao representá-la, por meio do desenho, e se justificando “porque nele [no trabalho] a minha mãe se esforça para poder ganhar dinheiro e me dar o melhor”.

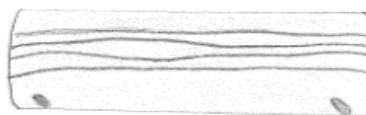


Autor: A.C.R.S., 13 anos, 7º B

Para Nolasco (1995, p. 64), a construção da subjetividade do indivíduo se dá pela capacidade

que este tem de mensurar as suas ações. A.C.R.S., 13 anos, 7º B, relatou que quer ser igual a sua mãe, que foi representada no desenho trabalhando diante de um computador; a aluna deseja estar nessas condições (trabalhando) e poder escolher sua profissão, pois quando foi lhe pedido que fizesse o desenho representativo de sua futura profissão, argumentou: “No desenho a minha mãe está diante de um computador, mas, eu também quero estar atrás de um computador, só que como médica”.

A mulher, portanto, adquire a capacidade de pensar a sua própria atuação profissional, sem deixar de cuidar da prole, influenciando decisivamente o imaginário do seu descendente, como se verifica na opinião e no desenho de J.S.Q., 12 anos, 7º B. Sobre a relação da sua mãe com o trabalho, a estudante afirma: “Minha mãe é secretária do CRM. Aí eu quero ser médica para minha mãe ser mais feliz”.



Autor: J.S.Q., 12 anos, 7º B.

Reconhecendo que a sua mãe fica a maior parte do tempo fora de casa e pouco tempo na convivência familiar, percebemos a influência do novo papel da mulher sob o imaginário da J.S.Q., 12 anos, 7º B.

Ressalta-se, portanto, que o homem-pai, com a projeção da mulher-mãe ao mundo do trabalho, conforme o exposto acima, não perde espaço no seio familiar, contribuindo, também, para o fortalecimento da construção da subjetividade do filho (a), com o viés para a diversidade cultural, fortalecendo, assim, as questões de gênero na convivência em família, a partir das referências sociais.

A religião e a família: a mulher presente e atuante

É inegável que o espaço religioso é masculinizado. Desde as comunidades cristãs primitivas⁴ até os dias atuais é maior a presença dos homens⁵; nas análises de Ecco (2007, p. 78-79) “[esse] modelo patriarcal insere-se na compreensão binômica de hierarquizar os papéis sexuais familiares”. As religiões, foram historicamente construídas a partir do machismo, e como consequência, esta característica tornou-se a principal referência para as sociedades se organizarem. Circunstâncias semelhantes acontecem no campo da profissionalização⁶.

A característica principal é a autoridade imposta pela instituição, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que isso aconteça é necessário que o homem exerça o controle e a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura (ECCO, 2007, p. 41).

⁴ “No movimento de Jesus dentro das comunidades cristãs originárias, já podemos perceber uma denúncia de inconformismo contra as formas patriarcais de estruturas sociais, o qual se torna denúncia de relações de opressão e subordinação de mulheres” (BORSATO, 2001, p. 51).

⁵ “A Igreja Católica possui uma estrutura marcada, ao longo dos séculos, por uma dimensão patriarcal, ao centralizar o poder, de fato o que se considera poder na mão de homens celibatários [...]. A estrutura hierarquizada, vertical e de modelo masculino influencia e reforça este poder tido como patriarcal, contribuindo, por meios de discursos e do poder simbólico, para o fortalecimento da passividade, submissão e exclusão da mulher. Paralelamente a esta política, observam-se descontentamentos e, por conseguinte, deslocamentos por parte de homens e mulheres inseridos neste contexto que, a partir de suas atuações, buscam modificar e rever as suas identidades na Igreja” (LOPES, 2011, p. 71).

⁶ “Cristina Bruschini (1999; 2000; 2007) realizou pesquisas sobre as ocupações profissionais femininas que possuem algum prestígio na nossa sociedade, tais como engenharia, direito, arquitetura e medicina. Em sua pesquisa realizada com dados da RAIS entre os anos de 1993 a 2004, a autora aponta um crescente aumento no campo de trabalho feminino no Brasil, dados esses que continuam crescendo segundo dados recentes do Ministério do Trabalho (2011). Na Magistratura, por exemplo, as mulheres ocupavam 22,5% dos postos de trabalho, em 1993 e em 2004 este índice chega a 34%. Na arquitetura elas ocupavam, em 2004, 54% de mão de obra feminina, ou seja, nestas categorias percebe-se um aumento significativo das mulheres no mercado de trabalho. Entretanto, no caso das engenharias, as mulheres ocupavam 12% dos cargos disponíveis em 1993 e esse índice cresceu apenas para 14% em 2004. Se comparada a outras ocupações, a carreira da 142 engenharia é a que menos cresce em termos de mão de obra feminina, indicando o quanto esse universo é pouco permeável às tendências de feminilização do trabalho” (BRITES; ROMCY, p. 141).

Percebe-se que a autoridade masculina não é permanente no espaço religioso e familiar, mesmo que haja poder de coação e coerção permanentemente sobre a mulher e seus filhos. Desse modo, vê-se que o elemento decisivo para a valorização da mulher são as práticas religiosas populares no ambiente doméstico⁷, como os encontros de oração, preparação para o tempo das festas periódicas de caráter religioso, o restabelecimento da saúde doentes acamados e a proteção dos filhos (as), parentes e amigos da violência urbana, bem como no ambiente eclesial⁸, nas funções do altar como ministras das exéquias e da eucaristia, na equipe de canto litúrgico, nas organizações dos andores das padroeiras e das procissões em tempos de festas religiosas na comunidade; todo este envolvimento faz com que a mulher se torne decisiva para influenciar os filhos(as) a crerem em um ser superior que governa tudo⁹, uma visão Deus que se aproxima do conceito do panteísmo na contemporaneidade.

Nesse sentido, A.V.L.M., 13 anos, 7º B, diz que:

Minha mãe me ensina que Deus está acima de tudo; na minha família e na minha vida é Ele quem me induz amar todas as pessoas e coisas; é Ele que me induz a estudar para que um dia eu seja médica e ajudar melhor a minha família.

⁷ “[...] a religiosidade popular [...] está associada aos problemas do cotidiano dos agentes sociais, gerenciando muitas vezes todos os atos de suas vidas. Neste sentido, o cotidiano se apresenta como dominado por influências do sobrenatural que se refletem nos atos da vida material” (LOPES, 2008, p.239).

⁸ “A prática do poder simbólico se reforça dentro do campo da religião pela apropriação dos símbolos. [...], acerca desta prática de manipulação sobre a construção de um *imaginário social*, aponta que a legitimação e o controle das representações sociais se dão a partir de um controle dos discursos e dos símbolos que centralizam e monopolizam as forças reguladoras da vida social. Logo, esta centralização dos bens simbólicos que ordenam o campo religioso, estrutura as relações dos agentes por meio de um controle da vida coletiva” (LOPES, 2008, p. 238).

⁹ “Atualmente, o panteísmo adquire um caráter sincrético composto por outras religiosidades que se assemelham pela relação de contemplação do homem com a vida e o ambiente, abarcando o naturalismo, paganismo, indigenismo, xamanismo, filosofia pré-socrática, taoísmo e zen budismo”. (BITTENCOURT, 2017, p. 176).



Autor: A.V.L.M., 13 anos, 7º B.

Esse é o típico momento em que se cultua o rito da oração em família, dentro tradição religiosa cristã católica¹⁰, demonstrando uma representatividade que induz às práticas sociais as quais, por si só, influenciam a maneira como as instituições se estruturam, especificamente a religião de denominação católica, haja vista que “[as instituições nascem] na religião e da religião; são um produto do pensamento religioso” (DURKHEIM, 1989, p 22).

Nesse processo, entra a presença da mulher, que, com valores religiosos, influencia a formação do imaginário da família. Isso pode ser observado quando A.V.L.M., 13 anos, 7º B, recorre a Deus, à religião, em preces, para se projetar profissionalmente como médica, sob as influências religiosas da própria mãe.

A mulher presente em interface com a religião institucionalizada e masculinizada

A prática religiosa em família leva à compreensão de que, na denominação religiosa católica¹¹, para ter o controle do culto¹², seja em

¹⁰“Historicamente, a Igreja Católica é um dos pilares sobre o qual se assenta a relação hierarquizada entre os sexos no ocidente. As religiões são detentoras do capital simbólico e, portanto, manipulam a produção simbólica e a circulação dos bens simbólicos através de representações, linguagens e palavra autorizada, reforçando e sacralizando, inclusive, a relação desigual entre homens e mulheres” (LOPES e al, 2011, p. 333).

¹¹ Somente 14,29% dos participantes da pesquisa se declararam adepto da religião, induzindo que K.V.G.S., 12 anos, 7º D. e A.V.L.M., 13 anos, 7º B. são católicos, isto corresponde a 2 alunos (as), em proporção ao contingente de 143 participantes, são 20 estudantes.

¹² Na denominação religiosa católica quem celebra o culto, seja

em casa ou no templo, não necessita de um corpo de especialista para o gerenciamento dos “bens de salvação”; não há necessidade da pertença ao corpo de “especialistas religiosos” altamente organizado para acessar os bens que darão a realização e a satisfação humana, como defendia Bourdieu (1992, p. 39). Então, a presença da mulher, induzindo práticas religiosas na família, influencia os seus descendentes em sua forma de pensar o mundo que os circunda. E, nesse processo, a criança tende a reproduzir o mundo do adulto, apegando-se à religião para alcançar seu desejo de se realizar profissionalmente.

Observa-se que as instituições que se ocupam das liturgias religiosas configuram um corpo de especialistas para melhor organizar as suas cerimônias e, nelas, a presença do homem é decisiva, uma vez que:

[...] socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘corpus’ deliberadamente organizado de conhecimentos secretos (e, portanto raros)” (BOURDIEU, 1992, p. 39).

Esse corpo de especialistas, reconhecidos socialmente pelo caráter masculino, especificamente no âmbito da Igreja Católica, denominação religiosa em que 14,29% dos participantes da pesquisa são frequentadores, compõe-se hierarquicamente em três ordens: primeira, diaconato; segunda, bispado; e, em terceira ordem, o episcopado, as quais são socialmente reconhecidas com competências exclusivas e representadas por homens. Nessa linha de reflexão, esse reconhecimento socialmente leva a:

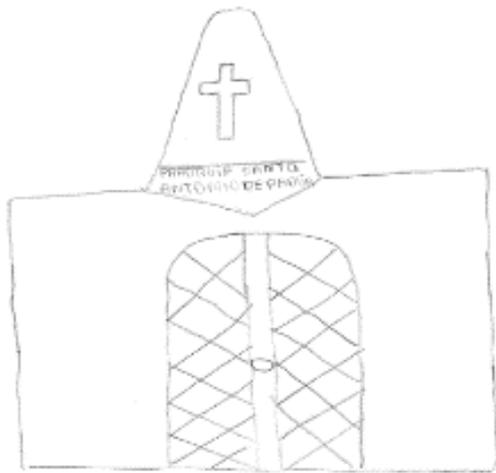
[...] desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem como tal (BOURDIEU 1992, p. 39).

em casa ou no templo, é o leigo, alguém da comunidade e ou o diácono permanente, casado, quem se encontra mais próximo das práticas religiosas populares, como: novenas, rezas do terço e cultos em família.

Nesse âmbito religioso, embora as decisões estejam nas mãos da liderança do sexo masculino, enquanto controlador do “trabalho simbólico acumulado”, como salienta Bourdieu (1992, p. 39), evidencia-se que as mulheres vêm ocupando funções de biblistas, teólogas, bispas, pastoras, leitoras, catequistas e obreiras, pois, nesses espaços, a mulher zela pela preservação dos valores familiares. Com isso, conseqüentemente, ela influencia a formação do imaginário dos seus descendentes e, embora não seja reconhecida institucionalmente, mantém e investe no capital religioso próprio e familiar.

K.V.G.S., 12 anos, 7º D, sob forte influência da mãe, expõe:

“[quando] eu vou à missa, acompanhada da minha mãe, faço a leitura, participo do coral, vou às gincanas, ouço o padre falar do Evangelho; a minha mãe é quem me incentiva a ir à missa e cultivar as práticas litúrgicas na Paróquia Santo Antônio de Pádua; com a fé que eu tenho em Deus, quero realizar o meu sonho de ser médica” (K.V.G.S., 12 anos, 7ª D).



Autor: K.V.G.S., 12 anos, 7º D.

Portanto, por mais que o indivíduo do sexo masculino seja considerado um funcionário exclusivo do sagrado, no âmbito religioso institucionalizado, a mulher tem presença decisiva na formação religiosa da sua família, especificamente, na formação de seus filhos.

O tornar-se mulher fora e dentro do seio da família tradicional

As estruturas das sociedades se sustentam em uma tradição machista, que deixam marcas indelévels nas relações de gêneros. Por conta disso, há uma tendência da mulher em aceitar a dominação exercida pelo homem no âmbito da convivência familiar e social. Nessa via, ele sempre precisa fazer algo para confirmar seu lugar social em suas relações profissionais, ou mesmo domésticas.

O homem se convence de que ele é necessário para que as engrenagens sociais funcionem, sendo o centro das mais importantes decisões sociais. Com isso, cultiva-se a ideia de que a sociedade precisa da presença dele, em suas instituições, para reformar o significado de resistência e racionalidade diante dos desafios cotidianos; da mesma forma, o homem necessita da sociedade, mediante as instituições, para se autoafirmar em seu imaginário de força e poder (NOLASCO, 1995, p. 43).

Entretanto, isso não invalida o reconhecimento de que a mulher se faz presente nessa sociedade culturalmente masculinizada. Ela faz parte desse espaço, ainda que com domínios sociais do homem.

Asocialização diferencial predispõe os homens a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que os jogam; o carisma masculino é, por um lado, o charme do poder, a sedução que a posse do poder exerce, por si mesma, sobre os corpos cujas próprias pulsões e cujos desejos são politicamente socializados (BOURDIEU, 2005, p. 98).

Embora o pensador francês perceba dessa forma, nota-se, nas falas dos meninos e meninas, que essa situação não se confirma, uma vez que “os jogos de poder” não são controlados somente pelo homem.

O fato de uma mulher, por exemplo, a mãe, estar grávida, para a M.L.R.O., 12 anos, 7º B, inspira-a a cultivar a família nuclear. Salienta-se aqui a força da mulher, exercendo o papel central em que há a presença do homem. Perguntando a M.L.R.O., 12 anos, 7º B, qual teria sido o momento mais marcante da sua história individual e social, ela respondeu: “quando minha mãe ficou grávida do meu irmão mais novo”. E conclui, dizendo que

o seu maior sonho é o de “exercer a profissão de médica para cuidar de outras mães com bebês”.



Autor: M.L.R.O., 12 anos, 7º B

Se, para Bourdieu (2005, p. 98), ao analisar o carisma masculino, detectando a dominação masculina nos meandros da sociedade, percebe-se que a sedução do poder masculino é algo politicamente aceito e socializado, para o contexto familiar atual, principalmente o contexto em que os estudante entrevistados vivem, a presença da mulher em posição de poder, social e econômico, é de total aceitação. Assim, o papel da mulher é decisivo para a construção de uma sociedade igualitária em nível do exercício do poder.

Cabe à mulher, nesse contexto, assumir, junto ao homem, a condição ser atuante, como é condição primordial de mães que contribuem diretamente para a formação do imaginário de seus filhos.

Considerando o reconhecimento de que se o homem é presente, a mulher também está se fazendo presente, pois se constitui um norte à formação do filho, a partir do convívio familiar. Outrossim, “o charme do poder”, tão percebido e analisado por Bourdieu (2005, p. 98), não está mais só no viés masculino, mas alcança outras dimensões. Portanto, esse “charme” que se encontra na mulher está politicamente socializado, o que, de fato, influencia a formação do imaginário dos(as) seus(suas) filhos(as), sujeitos desta pesquisa.

Considerações finais

Este artigo se embasou em uma coleta de dados que ocorreu por meio da participação de

14, em um contingente representativo de 143 estudantes, o que representou uma amostragem de 9,7% dos(as) alunos (as) matriculados (as) nos 7º anos A, B, C e D (Ensino Fundamental – Fase II), em 2018, no Colégio Estadual da Polícia Militar de Rio Verde – Unidade Carlos Cunha Filho.

Utilizou-se da lógica indutiva para as análises, a fim de compreender as particularidades que compõem o todo acerca das impressões em desenhos e das opiniões em questionários dos envolvidos na pesquisa. A intenção foi saber qual seria a representatividade social que exercia influências sobre a formação do imaginário dos estudantes em nível da própria pretensão profissional.

Os dados coletados apresentaram a informação de que a família é a representação social que exerce maior influência sobre os indivíduos, incidindo em 71,43%, o que corresponde a 10 alunos de 14 pesquisados. Considerando o contingente matriculado de 143, indutivamente, diz respeito a opinião de 103 estudantes.

Em seguida foram levantadas perspectivas dos estudantes acerca do trabalho e da religião. Ambos com o percentual de 14,29%, correspondentes a 2 alunos (as), em proporção ao contingente de 143 participantes da pesquisa. Indutivamente, esses 14,29% se referem a 20 dos estudantes declarantes que é a religião e 20 estudantes que é o trabalho, as representações sociais que exercem maior influência sobre suas vidas.

Neste levantamento de dados, 42,86%, 61 dos entrevistados, à proporção indutiva de 143 sujeitos da pesquisa, sustentaram que desejam escolher a profissão de médico (a) para ajudarem a sua família ou manter o padrão de qualidade que encontram hoje, ainda quando criança, no seio da sua família, influenciados pela figura materna.

Considera-se curioso o fato de que 57,14%, referentes a 8 alunos, equivalendo-se 82 dos pesquisados proporcionalmente analisados dos 143 sujeitos da pesquisa, não desejaram e não se projetaram ao exercício de nenhuma profissão. Para eles, estar junto da família é a garantia para o equilíbrio pessoal, necessário à progressão qualificada em seus estudos no Colégio Estadual da Polícia Militar de Rio Verde – Unidade Carlos Cunha Filho, seja no espaço religioso, quando

se cultiva a espiritualidade, ou seja, na dimensão do trabalho, porque é de lá que se tira o sustenta para o bem-estar de todos os familiares.

Observou-se que a família, para 100% dos entrevistados, é uma presença indispensável na vida de todos, independentemente se é para a escolha de uma profissão ou simplesmente para se sentir seguro e acolhido diante das intempéries da vida.

Esta amostragem apontou caminhos para identificar e analisar a gênese da formação do imaginário coletivo dos estudantes, em faixa etária entre 12 a 13 anos, término da pré-adolescência e início da adolescência; boa parte dos entrevistados escolheu a mãe como figura decisiva para a formação das suas escolhas a partir da convivência familiar, com uma atuação efetiva na esfera social.

A construção conceitual sobre papel da mulher se tornou um elemento primordial para ser analisado a partir da ótica dos participantes. Isso só se tornou possível porque houve diversos amparos teóricos que discutiram a questão de gênero em suas literaturas científicas. Evidentemente, os teóricos Giddens, Durkheim, Weber, Scott, Nolasco e Bourdieu serviram de apoio para justificar o que os desenhos e as opiniões dos indivíduos queriam expressar em seu seio familiar e fora dele.

Mediante essas considerações, os sujeitos desta pesquisa contribuíram para a compreensão de que é necessário valorizar resgatar a importância da mulher na formação do imaginário dos estudantes a partir do seio familiar, visto que é por meio da presença feminina, materna, na vida desses estudantes, que estes se projetam além do espaço da sala de aula para a escolha da futura profissão, evidenciando neste estudo a escolha da medicina.

Referências

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. In: Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BITTENCOURT. Miguel Colaço. O panteísmo em perspectiva: localidades, práticas e particularidades em Pernambuco, Brasil. **REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, ano 4, volume 4(2):175-198, 2017. Disponível em: [https://periodicos.](https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/231682)

[ufpe.br/revistas/reia/article/view/231682](https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/231682). Acesso em: 02 fev. 2019

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BORSATO, Aurélia Silva. Jesus, as mulheres e os Direitos Humanos: diferenças. In: REIMER, Ivoni Richter (Org). **Direitos humanos: Enfoques bíblicos, teológicos e filosóficos**. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: PUC, 2011, p. 47- 60.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de ago. de 2006. **Lei Maria da Penha**. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Brites, Jurema G.; ROMCY Daniela. **As mulheres na construção civil**: algumas notas a partir de um trabalho de campo. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/37827/25637>. Acesso em: 13 fev. 2019

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ECCO, Clóvis. **Identidade de Gênero**: idéias religiosas sobre o masculino como ângulo de análise. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

HAUSER, A. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/as-representacoes-sociais-em-emile-durkheim-e-o-ensino-da-arte-na-escola/136805>. Acesso em: 03 jul. 2019.

LOPES, Maria de Fátima Silva *et al.* Religião, família e gênero entre lideranças comunitárias católicas de Soledade/MG. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 331-343, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol11/artigo10vol11-2.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019

LOPES, Noêmia de Fátima Silva. **Gênero e Poder na Pastoral de Católica de Soledade**. Dissertação [Mestrado em Economia Doméstica] Universidade Federal de Viçosa, 2011. Disponível em <http://alexandria.cpd.ufv.br:8000/teses/economia%20dom%C3%A9stica/2011/238970f.pdf> Acesso em: 01 de fev. de 2019

LOPES, André Camargo. Os espaços da fé: um estudo sobre o campo religioso na perspectiva da religiosidade popular. **Mediações**, v. 13, n.1-2, p. 231-259, Jan/Jun e Jul/Dez. 2008, Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3303>. Acesso em: 27 jan. 2019

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NUNES, Maria José F. Rosado. **Por uma sociologia do poder religioso**: elementos para uma crítica feminista. São Paulo: Loyola, 2000.

RIFIOTIS, Theophilos. Direitos Humanos: sujeitos de direitos e direitos do sujeito. In: SILVEIRA, Rosa M. G. *et al.* **Educação em Direitos Humanos**: fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: Ed. Universitária, 2007. p. 231-244.

RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. **Os paradoxos do imaginário**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1996.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Tradução: Augustin Wernet. Introdução à edição brasileira: Maurício Tragtenberg. 3. ed. Campinas: Cortez, 2001. V.II.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa. Brasília: Ed. da UNB; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004a. V.I.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa. Brasília: Ed. da UNB; São Paulo: imprensa oficial, 2004b. V.II.